

Resenha

Riccardo Cocchi (UAL)*
ORCID 0000-0003-3419-6139

Será esse livro engolido pelo mar? Uma resenha de *Canibalística*

RODRIGUES, Maria Otília. *Canibalística*. Porto Alegre: Bestiário/Class, 2020.

É icônico, dentro do imaginário lusófono, o episódio lendário que retrataria, durante um naufrágio acontecido perto da costa do Camboja, o grande escritor português Luís Vaz de Camões salvando-se a nado da morte utilizando apenas uma mão, dado que a outra estava preocupada em evitar que o manuscrito da sua obra-prima, isto é, *Os Lusíadas*, fosse devorado pelas ondas do mar.

Sirvo-me desse anedótico feito para, em guisa de introdução, apresentar uma obra que, como virá a ser evidente ao longo dessas páginas, tem inspirado e motivado essa referência: trata-se do segundo livro de Maria Otília Rodrigues (já apelidada de “menina prodígio” por Eduardo Jablonski) que é intitulado *Canibalística* (2020). Antes de começar com a resenha, permita-se-me informar sobre o seguinte detalhe de teor técnico relativo a essa publicação: o volume, editado pela Bestiário/Class, faz parte de uma edição “coleccionável”, limitada apenas a oitenta exemplares. Feita essa ressalva, é chegado o momento de nos adentrarmos pelas páginas de *Canibalística*, ou melhor, tratando-se de uma coletânea de poemas que, conforme referido no mesmo volume, foram selecionados por Maria Otília Rodrigues, procederei de uma forma análoga, retirando apenas o que interessa para esta resenha, dado que a mesma vai ser alicerçada em paralelo às considerações que a própria escritora levantou em um outro breve texto de sua autoria.

Canibalística não deixa de ser, em primeiro lugar, uma aposta editorial um tanto atrevida por ter sido realizada sobre o trabalho de uma escritora relativamente nova que, contudo, ao dia de hoje já pode contar com três publicações em formato físico – *Savanália* (2019), *Canibalística* (2020) e o mais recente *Por causa de você, menina* (2020) – para além de outros textos dispersos que têm a Literatura como assunto central. De resto, denota alguma coerência este percurso, sendo que, ao lado da atividade de escrita, a autora está a estudar um curso de Letras, ao longo do qual, possivelmente, chegue a aprender mais noções acerca dos tecnicismos e os “outros artifícios” que ela mesma confessou, na sua entrevista¹ para a revista digital *Paranhama Literário*, não saber manejar tão bem na fase que antecedeu a publicação de *Canibalística*.

Com efeito, esse livro corresponde a um ponto de virada na produção de Maria Otília Rodrigues, tal como ela nos refere: “[*Canibalística*] foi um marco para mim, que dizia não gostar de formas fixas (...) por não saber fazê-las. (...) convivendo com outros poetas, entendi que precisamos ter conhecimento dos clássicos, se quisermos depois quebrar paradigmas”. É um posicionamento que – para além da manifesta vontade de ultrapassar limites – evidencia o revelar-se e a conseqüente tomada de consciência de umas das grandes verdades do mundo da escrita, que, longe de reiterarmos o que é óbvio, continua (e continuará) a ser válida: a leitura dos textos clássicos será sempre motivo de acrescento para quem quiser empreender a navegação impérvia que implica a carreira de poeta.

Ora, como é evidente, escritores de língua portuguesa há muitos, espalhados pelos

* Mestrando em Estudos Portugueses Multidisciplinares pela Universidade Aberta de Lisboa. E-mail: riccardo.cocchi@live.it.

¹ Disponível em: <http://paranhanaliterario.jm2d.com.br/files/2-2021-lite.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

quatro cantos da Terra; e não é por acaso que voltei às metáforas marítimas. Imaginemos o oceano: figuremos, agora, nessa imensidão, milhares de pequenos navegantes que partem, talvez no início até sem rumo definido, para alcançarem algo, ou algum lugar não especificado. Em *Canibalística*, através do eu lírico, Maria Ottilia Rodrigues declara, seguindo essa interpretação, de formar parte desse conjunto de milhares de indivíduos que resolveram zarpar para o Oceano das Letras, por meio daquele que é um dos mais notáveis poemas entre os que compõem a coletânea, titulado «Navegante sou» (p. 30).

Essa composição, que foi destacada² também pelo escritor José Eduardo Degrazia, merece uma particular atenção porque representa o elo entre as questões que a autora de *Canibalística* gravou no texto «Por que não valorizamos a literatura em português?»³ e a razão pela qual foi evocado, no começo, o episódio lendário que envolveu Luís de Camões.

Ora, considero que, para seguir com a resenha, valha a pena reproduzir na íntegra o poema citado, para que se possa, sucessivamente, elucidar o motivo de todas essas interconexões:

Sou barco. Sim, barco
Este que enxergo em completo abandono
em uma casa deixada à mercê do tempo

Caminho pelas ruas abandonadas dessa cidade
dessa praia de peixeiros e burgueses
Ficam porque precisam, vêm quando quer [sic]

Estou em um enjoo incontido
não há filho em mim
É enjoo de viver

Fico plena em águas mansas
em águas turvas, destroço-me
Talvez o barco mora em mim.
(RODRIGUES, p. 30)

Julgo que nesse poema esteja muito bem sintetizada a essência da escritora – que, conforme a sua biografia, se mudou de Osório (RS) para Porto Alegre no início do ensino médio. De fato, Maria Ottilia Rodrigues – seja-me concedida essa licença poética – deixou-se levar pelos favoráveis «bons ventos» da sua cidade até que, por sorte ou desventura, desembarcou no lugar onde atualmente reside. Foi por sorte porque, como ela mesma declarou em várias ocasiões, em Porto Alegre começou a viver plenamente a sua experiência artística; e, *aparentemente*⁴, por desgraça porque – tal como se pode deduzir nesse e noutros poemas que compõem *Canibalística* como, por exemplo, «Vida adulta» (p. 33), «Solidão perene» (p. 36) e «Poetas de apartamento» (p. 57) – o ambiente da cidade que a rodeia lhe proporciona uma experiência de angústia existencial.

Contudo, é preciso não desviarmos o olhar de «Navegante sou», pois, para além de ser uma composição cujo conteúdo é *sui generis* dentro da coletânea (que nos apresenta sobretudo poemas com temáticas eróticas, regionalistas-gaúchas e (auto)biográficas), é o poema que, de forma mais abrangente e completa, nos permite traçar uma hipotética trajetória, embora não definitiva, da jornada que Maria Ottilia Rodrigues poderá

² Disponível em: <https://revistasepe.art.br/2020/12/15/por-cao-de-voce-menina-de-maria-ottilia-rodrigues/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

³ Disponível em: <https://artrianon.com/2020/09/01/literatura-em-portugues/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

⁴ Na verdade, apesar da conotação de qualquer acontecimento que envolva direta ou indiretamente a vida dos artistas, esses últimos devem ter a capacidade de sublimarem essas experiências e transformá-las em Arte.

empreender na sua atividade de escritora. Por isso, retirando do próprio texto citado esses indícios, se a autora é “barco” sabe muito bem que, como diz o poeta, “navegar é preciso”; porém, a vida do escritor é uma vida feita, principal mas não exclusivamente, de solidões, ou, nas palavras da mesma autora, “é nunca parar de pensar, nem sentir”. Não será essa a razão pela qual o barco do poema está “em completo abandono”? Tudo isso ganha maior ênfase se considerarmos o contexto porto-alegrense – que, inclusive, segundo a visão da escritora pouco teria de risonho – definido em maneira muito concisa como uma cidade de ruas abandonadas, cujos habitantes, que são apenas “peixeiros e burgueses”, não vão embora de lá porque lá precisam ficar. Será que esse é, também, o Fado da escritora Maria Ottilia Rodrigues? Ficar nessa cidade para testemunhar algo que já captou e assimilou, tendo sido isso que lhe tem causado, ainda por cima, esse “enjoo de viver”? Ou haverá outra via?

Aqui, finalmente, entra em jogo a reflexão levantada pela própria autora no seu texto já mencionado «Por que não valorizamos a literatura em português?». Com efeito, ela identifica um empecilho – que existe na difusão em escala global das obras em língua portuguesa – servindo-se da figura mítica do gigante Adamastor como representante desse obstáculo, tal como o foi, noutros tempos, para os navegantes.

Assim, como leitora que conheceu o Adamastor e sabe que existe a maneira de ultrapassá-lo, Maria Ottilia Rodrigues, sendo “barco”, deverá ser barco que tem como objetivo principal a transmissão de mensagens fundamentais para o enriquecimento e a transformação espiritual daquela parte da espécie humana que sabe ler, em primeira instância, a língua portuguesa; ao mesmo tempo, aprender a carregar nos seus bastidores apenas o que é *necessário* para a travessia, dado que nem todas as mensagens, mesmo que sejam legítimas e parte do próprio percurso de formação, vão fazer parte da efetiva bagagem literária. Noutras palavras, talvez um livro como *Canibalística* precisasse de ulteriores recortes, de uma seleção mais crítica, ou, ainda, de ambas juntas com o acrescento de um conceito de fundo que servisse de denominador comum para que se fizesse mais jus ao inegável bom título que foi escolhido para o volume. Também é um fato que, entre as suas páginas, se encontram, utilizando a expressão de Degrazia, “muito bons achados”, como é o caso do poema que, em termos musicais, teria a denominação de *title track*, ou seja, «Canibalística».

E, embora não caiba dúvida que o destino de *Canibalística* não seja – como de resto vale por inúmeras outras obras escritas – o de marcar o panorama literário de língua portuguesa, ainda assim, não é de ignorar o que essa publicação já implicou na jornada de Maria Ottilia Rodrigues. Por isso, diferentemente de Camões, o seu livro pode estar já perdido nas profundezas do imenso oceano que separa a autora do resto do mundo; no entanto, desde que ela (e os que conseguiram lê-lo) tenham resgatado e retido das suas páginas aquilo que é o seu potencial embrionário e latente, pode-se considerar cumprida a missão dessa mensagem.

O resto, é esperarmos para ver: se a autora não se amedrontar com os Adamastores e for capaz de administrar com diligência e com nobres propósitos o seu navio, talvez se ouça, em breve, falar da esteira que deixou nas águas que falam português.

*Recebido em: 30 mar. 2021.
Aprovado em: 29 abril 2021.*